

A síndrome MacGuffin

A apropriação e recriação de obras de Hitch tornou-se um lugar comum na esfera da arte contemporânea.

Oscar Faria

Under Hitchcock

de Jean Breschand, Christoph Girardet, Johan Grimonprez, Laurent Fiévet, Carlos Lobo, Matthias Muller, Salla Tykka,

★★★★☆

Vila do Conde. Solar - Galeria de Arte Cinemática. Solar de S. Roque. T. 252646516. Até 23/09. 3ª a dom., das 14h30 às 00h30

Na última década, Alfred Hitchcock (1899-1980) tem servido de álibi a muitos nomes que operam na esfera da arte contemporânea. A apropriação e recriação de obras deste autor tornou-se um lugar

comum e a sua evocação por comissários de exposições também tem sido recorrente, destacando-se, entre outras, "Notorious - Alfred Hitchcock and Contemporary Art" (Oxford Museum of Modern Art, Inglaterra, 1999), "Alfred Hitchcock et L'Art: Coïncidences Fatales" (Centre Georges Pompidou, 2001) ou ainda, embora de forma mais oblíqua, "Hall of Mirrors: Art and Film Since 1945" (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, California, 1996). Deste imenso lastro, a que se devem somar obras particulares, surge agora mais um capítulo na Solar - Galeria de Arte Cinemática, em Vila do Conde, onde está patente a mostra colectiva "Under Hitchcock", com curadoria por Silvia Guerra.

Numa das obras da exposição, "Looking for Alfred" (2005), do belga Johan Grimonprez, uma série de duplos do realizador protagonizam, numa "mise-en-abîme" especular, uma série de acções algo surreais - o fantasma de Magritte paira sobre este vídeo. Por ali se faz referência ao "MacGuffin", termo cunhado por Hitchcock para definir o objecto impulsionador de uma intriga - a fórmula secreta em "39 Degraus", uma arma de destruição maciça em "Difamação", o dinheiro roubado em "Psico"... -, cuja função se esquece rapidamente no decurso da acção, perdendo a sua importância. Em 2003, Slavoj Žižek, em "The Iraqi MacGuffin", comparou mesmo as armas de destruição maciça do Iraque ao MacGuffin: "Todos sabemos qual é o significado do MacGuffin 'hitchcockiano': um pretexto vazio que apenas serve para pôr em marcha a história, mas sem valor em si."

Na exposição da Solar, Hitchcock parece ocupar o lugar do MacGuffin. De facto, o realizador surge como pretexto para activar o "quociente pulsional que os trabalhos expostos podem vir a suscitar no público." A comissária nota também que nos filmes deste autor "não existe um tempo preciso mas um vórtice de pulsões." Em termos freudianos, a pulsão tem como objectivo a satisfação, enquanto a sublimação surge da inibição do gozo sexual ("jouissance"). Em "Pulsão e Sublimação", João Peneda, da Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, nota: "De qualquer modo, as análises de Freud sobre as formações do inconsciente - lapso, sonho, chiste e o próprio sintoma -, revelavam já que é nos meandros dos significantes, 'restos de palavras' que o desejo inconsciente se realiza e se interdiz. Por esse motivo, a sublimação resulta à partida do confronto da pulsão sexual com a linguagem, o que tem como resultado a dessexualização e a inibição do alvo sexual da pulsão."

Sabendo-se da misoginia de Hitchcock, as suas

obras - e os sucedâneos - colocam muito mais questões relacionadas com a "sublimação" do que com a "pulsão". Sente-se, nos seus filmes - e em dois dos mais notáveis "remakes" feitos a partir de "Psico", o "24-Hour Psycho" (1993), de Douglas Gordon e "Psico" (1998), de Gus Van Sant - essa tensão própria de um desejo inibido, sublimado. A distensão temporal de Gordon, Sant contrapõe um outro tipo de desvio: colando-se ao original, assumindo-se como "o seu gêmeo esquizofrénico", ele reactualiza essa patologia, insufla-a de um novo ar, colocando-a como uma possibilidade presente em cada instante das nossas vidas (e os filmes seguintes, como "Elephant", não são, eles próprios, uma continuidade do mal-estar de que também nos fala "Psico").

As obras que formam "Under Hitchcock" situam-se assim numa espécie de encruzilhada que tem como vectores os filmes realizados pelo realizador, ele próprio um coleccionador de arte (Rodin, Dufy, Klee e Rouault, entre outros), e um vasto conjunto de trabalhos criados por outros artistas ausentes da colectiva - para além dos referidos Gordon e Van Sant, citem-se os nomes de Victor Burgin, Stan Douglas e Pierre Huyghe.

Grimonprez, a dupla Matthias Müller/Christoph Girardet, com duas das "Phoenix Tapes" (1999), colagens cinematográficas formadas por fragmentos de filmes de Hitchcock, e a instalação "Don't They Ever Stop Migrating" (2007), de Jean Breschand são os momentos fortes da mostra. De resto, a evocação indirecta ("Zoo", 2006, de Salla Tykkä) ou citação directa ("Portrait à L'Hélice", 2007, de Laurent Fiévet) estão demasiado dependentes do modelo que lhes serviu de inspiração. Por entender fica ainda a série de extractos de filmes de Hitchcock que são exibidos numa vitrina situada no "hall" da Solar. Trata-se de uma proposta da comissária (artista?), a qual pretende através de um "cemitério de velhos televisores" que "o público reencontre a multiplicidade da sua [Hitchcock] obra!"



ESTY-ESTY-ESTY-ESTY-ESTY